

**HISTÓRIA, MEMÓRIA, CULTURA, RELIGIOSIDADE E FÉ: A MISSA DO
VAQUEIRO DE MANARI – PE
(1986 – 2016)**

Carlos André da Silva
Mestrando em História - PPGH/UFAL
acarlos_correia@hotmail.com

Resumo: O presente artigo faz parte da pesquisa de mestrado que está em fase de desenvolvimento e objetiva destacar a importância histórica da Missa do Vaqueiro, no que diz respeito à valorização da memória, da cultura e da história; a interação e o envolvimento da população com essa festividade religiosa. Para localizarmos a pesquisa num tempo/espaço, um recorte temporal se dará entre os anos de 1986 e 2018. Para o artigo, foram utilizados materiais narrativos de três entrevistas já transcritas do código oral para o escrito e em fase de análise. Em casos como este, sem registros documentais escritos, a História Oral é um recurso metodológico importante, aliado a um roteiro de entrevistas semiestruturadas. Adotou-se como embasamento teórico a obra de autores como: Correia (2016); Cunha (2016); Meihy e Holanda (2010); Eagleton (2003), Nora (1993), Bosi (1994); Halbwachs (1990); entre outros autores. A Missa do Vaqueiro torna protagonista de sua própria história, o homem do campo, que faz de sua profissão como vaqueiro, criador ou agricultor, uma missão de vida. Com a consolidação do ato religioso no município, as festas de gado acabaram adquirindo maior visibilidade, contribuindo para o fortalecimento da cultura do vaqueiro e das relações com o homem do campo e também para a economia familiar.

Palavras-Chave: Missa do Vaqueiro. Memória. História Oral.

Para compreendermos a importância que o vaqueiro¹ tem para essa história, precisamos fazer um levantamento sobre as origens da povoação deste recôndito sertanejo. As terras do antigo Campos da Mariana² que deram origem ao território do

¹ “Vaqueiro, criador ou homem de fazenda, são títulos honoríficos entre eles”, pontua Abreu (1988) em sua obra Capítulos de História Colonial. Vale ressaltar que durante o Brasil Colônia, a atividade vaqueira não era desempenhada exclusivamente por homens livres; é sabido do uso de negros escravizados para desempenhar esta atividade.

² Campos da Mariana é a denominação primitiva das terras que originaram o atual município de Manari. Tal referência a nomenclatura citada acima, aparece em registros datados da primeira metade do século XVIII. Posteriormente a localidade ficou sendo chamada apenas de Mariana, até que fora renomeada para Manari em meados do século XX durante o governo Vargas.

atual município de Manari³, foram compostas por duas cartas sesmarias⁴ datadas da segunda década do século XVIII. Esses registros históricos eram até então desconhecidos pela população, pois nunca foram citados quando se tenta trazer à luz a história do município, sobretudo, através das memórias dos anciãos, apesar de que, o pouco que se sabe, também, é fruto de narrativas orais passadas de uma geração à outra. Ante o exposto, vale recorrer ao que Nora nos diz sobre memória:

A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (1993, p. 9).

As narrativas orais apresentadas ainda não são suficientes para estabelecer com propriedade toda a trajetória histórica da municipalidade. Manari, segundo aponta Correia (2016, p. 23) “cresceu sem certidão de nascimento e, conseqüentemente erigiu sua prole desprovida de elementos palpáveis de seu passado; uma cidade que se viu crescer desprovida de memória documental”. Como de fato é, o desconhecimento sobre essas origens chegam até a documentação oficial mais conhecida, que é datada de 10 de janeiro de 1929, quando fora elevada a condição de Vila da Mariana, por meio da Lei Municipal nº 02, pertencente ao atualmente extinto, município de Moxotó.

Partindo para a documentação oficial recentemente descoberta – entre os anos de 2015 e 2016 – sabe-se da existência das citadas cartas sesmarias. Na primeira carta sesmarial, datada de 06 de março de 1724, aparecem como requerentes, três figuras masculinas, são eles: João Pereira Campos⁵, João Peixoto Vilela⁶ e Paulo Ferreira

³ Na língua Tupi, o topônimo Manari significa “riacho, água da chuva” e faz alusão a um curso de rio que corre nas proximidades da sede do município.

⁴ As cartas sesmarias eram um documento dado em nome do rei de Portugal para um beneficiário que tinha como objetivo cultivar o lote de terra a que estava destinada a sesmaria. A distribuição de sesmarias durante o período colonial do Brasil pode ser consultada na Plataforma SILB - Sesmarias do Império Luso-Brasileiro; que está disponível online, no endereço eletrônico <<http://www.silb.cchla.ufrn.br>>

⁵ Na mesma carta sesmarial, aparece como Padre e morador da capitania do Ararobá. Em documento datado do ano de 1725, aparece como requerente de uma nova carta sesmarial, para posse de terras na mesma região, expandindo assim seu domínio, destacando-se como um grande proprietário rural da capitania citada.

⁶ No documento, consta como morador da capitania do Ararobá e tem como função Comissário Geral.

Pacheco⁷. Entre as justificativas apontadas no requerimento para posse das terras, estão o motivo destas serem devolutas, nunca doadas anteriormente; serem eles *descobridores*⁸ de terras; tinham gado cavalari⁹ e gado vacum¹⁰, sendo concedida uma légua¹¹ e meia de terra para cada um dos sesmeiros. A segunda carta sesmarial tem como data de requerimento 04 de maio de 1725, aparecendo como peticionário o sesmeiro João Pereira Campos. Nesta carta, a sesmaria requerida localizava-se entre o rio *Panema*¹² e o riacho *Moxoto*¹³. As terras eram chamadas de *Penore*¹⁴, *Caxito*¹⁵, *Parida*¹⁶ e Campos da Mariana.

Nesses sesmeiros, segundo Freyre (2004, p. 324) despertou-se “o instinto de posse; e acrescentando-se ao domínio de terras tão vastas, direitos de senhores feudais sobre a gente que fosse aí mourejar¹⁷”. Nestas duas vastas sesmarias, os que vieram morar e labutar, foram os responsáveis pela criação das primeiras fazendas e também pela instalação dos primeiros currais da região, financiadas pelos sesmeiros, bem como pela inserção de outros parceiros/meeiros para a povoação e ocupação definitivas destas paragens. Com base nessas informações, é possível considerar que a presença do vaqueiro nesta região, remonta aos primórdios da ocupação definitiva destas terras, tanto para a lida com o gado, quanto para o preparo e cultivo da terra.

⁷ Do mesmo documento, também é morador da referida capitania do Ararobá e, tem como profissão, Alferes.

⁸ Grifo meu.

⁹ O termo gado cavalari refere-se à criação de cavalos, muares e asininos.

¹⁰ O termo gado vacum refere-se à criação de bois, bezerros, vacas, vitelas, touros e novilhos.

¹¹ Sistema de medida muito comum durante o período colonial do Brasil, frequentemente utilizado até a adoção do sistema métrico. Equivale a aproximadamente 6.600 metros. No caso específico da carta sesmarial acima, a equivalência seria de aproximadamente 10.000 metros, ou seja, quase 10 km.

¹² Rio Panema é na nomenclatura primitiva do rio Ipanema, que nasce no município de Pesqueira, agreste do estado de Pernambuco, e deságua no rio São Francisco, já no estado de Alagoas. Tem uma extensão estimada em 139 km. Grifo meu.

¹³ O riacho Moxoto ou rio Moxotó, nasce no município de Sertânia, sertão do estado de Pernambuco próximo a divida com o estado da Paraíba, e deságua no rio São Francisco. Seu curso é utilizado para marcar as fronteiras entre Pernambuco e Alagoas. Tem uma extensão estimada em 226 km. É rio intermitente, ou seja, a incidência de águas em seu leito se dá entre os meses de chuva, conforme pode ser observado no QUADRO 06. Grifo meu.

¹⁴ Penore é a nomenclatura primitiva da atual localidade chamada de Brejo do Prioré, fica no atual território do município de Ibimirim. Grifo meu.

¹⁵ Não foi possível encontrar referências sobre a atual localização. Grifo meu.

¹⁶ Não foi possível encontrar referências sobre a atual localização. Grifo meu.

¹⁷ Segundo o dicionário Aurélio (2002 p. 474), o termo refere-se a “trabalhar muito, sem descanso (como um mouro)”. De fato, não deve ter sido nada fácil povoar região tão erma, desbravar o matagal grosso das caatingas praticamente intocadas, lidar com uma região desconhecida e distante ao mesmo tempo. E, além disso, torná-la produtiva e viável para garantir os custos da ocupação.

Acredita-se que os primeiros agrupamentos¹⁸, compostos por homens brancos, remanescentes indígenas e escravizados africanos, fixaram-se na região logo após a concessão das sesmarias¹⁹; e estabeleceram moradia no alto de uma das inúmeras serras que marcam a geografia do lugar, nas proximidades da histórica Lagoa da Mariana²⁰ – hoje totalmente abandonada pela população, pelo poder público, além de estar poluída, e com construções beirando as suas margens – “já que como era costume da época, o estabelecimento de moradias e a criação de gado bovino às margens de cursos de rios e lagoas, bem como em proximidade de olhos d’água ou em região de brejo” (CORREIA 2016, p. 19). Ali, sob orientação dos sesmeiros instalaram currais para a criação do gado *vacum*, e em outras partes do território fizeram pequenos plantios de cana de açúcar, em regime de parceria, aproveitando-se dos brejos e do solo fértil da região, até então inexplorado com intensidade, que juntamente com “os cercados de milho, de mandioca, de feijão, de inhame, de jerimum garantiam, (...) a subsistência” (CASCUDO, 2000 p. 103). Tradicionalmente, as terras que compõem esta região são utilizadas para atividades agrícolas e pastoris, práticas econômicas e socialmente viáveis, facilitada pela grande extensão rural e condicionada sobretudo, pela fertilidade do solo, estando ainda na zona de confluência climática entre o sertão e o agreste pernambucano.

O município de Manari está localizado no sertão estado de Pernambuco e foi elevado tardiamente à categoria de cidade, emancipando-se apenas em 12 de julho de 1995²¹. É composto pelo distrito sede, pelo distrito de Santa Luzia, pelos povoados de Serra do Exu e Umbuzeiro Doce, além de aproximadamente, noventa e um sítios espalhados por toda extensão rural. Ao analisar a toponímia destes sítios, percebe-se a

¹⁸ Não se está descartando aqui, a possibilidade de que estas terras tivessem sido ocupadas ou exploradas anteriormente por forasteiros/exploradores e/ou curiosos, mas que não tinham sua posse.

¹⁹ Lotes de terras que eram doados pelo rei de Portugal a alguns beneficiários durante o período colonial do Brasil.

²⁰ A Lagoa da Mariana como ficou conhecida, é a única referência histórica que restou da primitiva ocupação do período colonial no território do município de Manari. Apesar das inúmeras tentativas da administração pública atual em fazer seu esgotamento e posterior entupimento, a comunidade católica local tem agido contra a destruição deste ‘símbolo’ tão significativo para a história da cidade, que seria segundo Meneses (2009, p. 449) um “lugar de memória (...) lugar físico que valeria a pena visitar, pois guardava lembranças do passado”. Passado este, que vive em constante ameaça de desaparecer para sempre.

²¹ Uma primeira tentativa de emancipação política foi pleiteada em 1963; trata-se do Projeto nº 729 de 22 de outubro do referido ano. Entre as justificativas apresentadas, está a capacidade produtiva e diversificada do distrito, apontando claramente que este era um celeiro agrícola importante para a região. Contudo, o pedido fora negado, sob a alegação de que o distrito não atendia as exigências necessárias para ser elevado a município.

influência marcante do ambiente geográfico nas denominações. Cada topônimo tem sua história “podemos ignorá-la, mas ela existiu e justificou o topônimo” considera Cascudo (1956 p. 14), ao criticar a política de renomeação de diversos lugarejos, sítios, povoados, distritos, vilas e cidades durante a primeira metade do século XX no Brasil. A exemplo claro disso, temos o caso do próprio município de Manari, que primitivamente chamava-se Campos da Mariana, e que segundo o autor, o termo ‘campos’ marca “a influência da pecuária”, que foi sendo devassado ou suprimido com o passar dos anos. O trabalho com o gado garantiu a toponímia de diversas localidades, principalmente as que carregam a nomenclatura relacionada a água. O que sugere, que Manari também é cria “do grande ciclo de vaqueiros” (p. 15) uma vez que “os velhos currais de gado foram os alicerces pivorantes das futuras cidades” (p. 102). Ciclo esse que deixou marcas profundas na região, principalmente na cultura, que apesar de ressignificadas, são heranças de um passado cheio de histórias.

O município está situado na microrregião denominada sertão do Moxotó²², distante 385 km da capital do estado, Recife. Apresenta clima Semiárido quente, tem como vegetação característica, a Caatinga hiperxófila²³. Segundo dados do IBGE para 2018, o município tinha uma população estimada em 21.085 habitantes. Apresenta uma taxa de 78,9% de ruralização, sendo a quinta maior do estado, conforme dados do último censo demográfico de 2010.

Por ser um município tipicamente rural e agrário “a criação de gado na região ainda fomenta a existência do vaqueiro” (CORREIA, 2016, p. 29), por isso, tem na agropecuária sua principal atividade econômica. Produz gado para o abate, leite, queijos e outros derivados; e sua produção agrícola foi bastante diversificada, cultivando algodão, mamona, milho, mandioca. Atualmente, a cidade destaca-se pela alta produção de grãos, como o feijão e o milho, quando em períodos chuvosos. Manari está localizado na região que subjetivamente, Freyre (2004, p. 47) chamou de “outro

²² Microrregião geográfica do território pernambucano, composta por sete municípios: Arcoverde, Betânia, Custódia, Ibimirim, Inajá, Manari e Sertânia.

²³ Esse é o principal tipo de vegetação que cobre o território do município de Manari. Caracteriza-se pela ocorrência em solo rasos e por apresentar uma vegetação de pequeno e médio portes. No período de estiagem, as caducifólias perdem a sua folhagem, por terem esse caráter xerófilo, características de plantas adaptadas à regiões secas ou semiáridas. Nesse tipo de caatinga, a flora mais comum é a jurema, branca ou preta, o angico, a catingueira, o umbuzeiro, a aroeira, entre outras. Além das diversas espécies de cactáceas, como o mandacaru e o xique-xique.

Nordeste” que seria o Nordeste pastoril, algodoeiro, distante dos canaviais e da fidalguia das casas-grandes. Seria também o Nordeste “das areias secas” que contrastava com “a doçura das terras de massapê” quase deificada. De fato, a vida aqui não se fez menos dura, e a figura do sertanejo é carregada por essas marcas da aspereza da terra, como é possível observar no trecho dos versos de Fagundes (2007) para o documentário Pro dia nascer feliz: “só existe um argumento, que me parte o coração, ver o povo madrugar e seguir para o roçado, mas se a chuva não chegar, perde o que se foi plantado”. Os ciclos da seca, que se tornaram cada vez mais frequentes, faz com que esse ‘outro Nordeste’, carregue sinais que são perpetrados pelo tempo, assim como na obra freyreana citada, e como disse Cascudo (1956, p. 12) “a literatura tornou motivo a seca e sua tragédia” que ainda permeia o imaginário nacional como uma região de paisagem adversa e árida. Mas, o sertão é e deve ser visto como dinâmico e de variada interface física, ecológica, cultural, histórica, geográfica e política, totalmente diferente do que se postula. Por isso, apoiamo-nos no que Pericás (2010, p. 19) diz sobre o sertão nordestino:

Essa macrorregião não pode ser vista num flagrante único e estanque, com uma paisagem relativamente homogeneizada, mas sim interpretada como um ambiente muito mais dinâmico do que se pensa, com uma série de características, por vezes desprezadas pelos estudiosos, que vão do conservadorismo cultural latente até as renovações, adaptações e incorporações, tanto em termos materiais como nas formas de convivência social.

Historicamente, o vaqueiro é fruto do processo de miscigenação que transcorreu durante a colonização do Brasil. Gestado do contato entre nativos, africanos e portugueses, o vaqueiro, segundo Cunha (2016 p. 136) “fez-se homem, quase sem ter sido criança” e esse retrato emoldurado na célebre obra Os Sertões, poderia facilmente, mais de um século depois, ser o registro fotográfico do senhor João da Cruz²⁴ – um dos colaboradores da pesquisa – vaqueiro de tempos idos, que traz em sua gênese a tipologia carregada desta herança secular. Homem do campo, de fala mansa acentuada pelo avançar da idade, que começou a trabalhar “de vaqueiro com uma *faxa*²⁵ de doze

²⁴ Entrevista realizada em 19 de setembro de 2018.

²⁵ Os termos grifados referem-se ao modo como foi expressado pelo colaborador em entrevista e como destacam, Meihy e Holanda (2010, p. 26) “a oralidade quando vertida para o escrito congela a realidade narrada mudando a dinâmica original”, por isso, a escrita permanecerá do mesmo modo como fora pronunciada.

ano de idade”. Nascido em 1939, começou a “*trabalhá* com sete *ano* de idade. *Trabalhá* na roça, na agricultura”, e as rugas no rosto são como testemunhas que traduzem sua história que o acompanham com um sorriso ao mostrar as mãos calejadas de décadas na labuta²⁶. “E aí, *criano* um animalzinho, uma *rêzinha*²⁷, com pouco *tanmém*, novo de idade, comecei a *pissuí* um cavalo né, aí ficou né? Toda vida *pissuí* o cavalo”. Esta narrativa era uma realidade muito comum no sertão do Nordeste e como podemos observar, desde tenra idade²⁸, a vontade de possuir um cavalo já exercia certo fascínio para vir a tornar-se vaqueiro, que pode ser definido da seguinte maneira:

Pastor de gado, guarda das vacas; (...) figura central do ciclo pastoril. Sua atividade determina-lhe o individualismo arrogante, autonomia moral, decisão nos atos e atitudes. É o clima ideal para o cantador de desafios, o cangaceiro afoito, o valente defensor da propriedade confiada à sua coragem solitária (CASCUDO, 2012 p. 713).

Homem com fortes ligações às tradições, sejam elas religiosas ou de cunho moral, o vaqueiro raiz, geralmente com pouca instrução, secularmente adaptou-se às condições do meio-ambiente e do clima do sertão nordestino para garantir sua subsistência, e segundo Andrade (1963, p.180) “as grandes distâncias e as dificuldades de comunicação fizeram com que aí se desenvolvesse uma civilização que procurava retirar do próprio meio o máximo, a fim de atender às suas necessidades”. Já em Cunha (2016, p. 122), o vaqueiro aparece como fruto de uma “sociedade revolta e aventureira sobre a terra farta; e tiveram, ampliando os seus atributos ancestrais, uma rude escola de força e coragem” que ainda podem ser observáveis hoje, justificado, sobretudo, pelas heranças históricas e culturais transmitidas por gerações, que experienciaram essa realidade. Corroborando ao aludido, ainda segundo o autor

²⁶ Certamente a frase de Cunha (2016 p. 133) “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” poderia ser aplicada a esse contexto. Além disso, esta é uma das frases ou expressões utilizadas mais frequentemente para caracterizar a figura do homem sertanejo de diferentes épocas, mas que poderia facilmente ser utilizada para distinguir o vaqueiro, por estar diretamente ligado com o processo definitivo de ocupação dessas terras do sertão.

²⁷ Termo utilizado pelo colaborador durante o percurso da entrevista. É o diminutivo para rês, vaca, animal do sexo feminino.

²⁸ Esse contexto situado pelo senhor João da Cruz, corrobora com uma abordagem trazida por Cascudo (1956, p. 10) ao apontar que “a lúdica infantil condicionava-se à vida ambiental. Brincava-se de fazendeiro, de vaqueiro, repetindo-se no microcosmo infantil o macrocosmo humano”, só que ao invés de brincar, a roça lhe foi instrumento de trabalho. Essa lúdica, fora trazida para a dura realidade do macrocosmo humano adulto do sertão, carregada pelo das responsabilidades que se iniciam muito cedo e também para ajudar no sustento da casa, da família e dos irmãos.

O vaqueiro, criou-se em [...] em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias - tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envolta, no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças. Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. (...) Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. (...) Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Aprestou-se, cedo, para a luta (idem, 2016 p. 136, 137).

Diante deste cenário de adversidades em que se desenvolveu, o vaqueiro aparece como a figura fundamental para a manutenção de uma fazenda. Seu trabalho é árduo, independentemente da estação do ano, mas, é nos períodos de estiagem, que o vaqueiro enfrenta seu maior dilema, a falta de comida e de água para os animais, fazendo-se necessário que o rebanho seja guiado por longos percursos para descobrir bebedouros ou até mesmo para encontrar pasto em outras paragens. E dentro desse contexto, Correia (2016, p. 78) aponta que “o vaqueiro tem no cavalo, sua principal montaria”. Cascudo (1956 p. 75) acusa que “no ciclo do gado o animal favorito não é o touro, o novilho, a vaca, o boi, mas o cavalo” pois, é com ele que boa parte de seu trabalho é realizado.

O vaqueiro tem no ato religioso, que em seu aspecto cultural²⁹ é tida como o principal elemento festivo e religioso no município de Manari, construído ao longo das três últimas décadas e, tem se firmado no calendário comemorativo da cidade, como o evento de maior expressão cultural e de fé. Suas raízes históricas estão permeadas pela tradição e a religiosidade católica, a memória de seu povo e o vaqueiro. E, nas palavras do Pe. Giorgio Botta³⁰ a Missa do Vaqueiro tem

“uma conotação específica de agradecimento, por que não é só missa dos vaqueiros, é missa dos agricultores, dos criadores, e dos vaqueiros. A promessa sempre incluiu as três categorias. É uma missa também de agradecimento, é uma missa também de intercessão”.

²⁹ “Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais (...) têm encontrado espaço para validar suas experiências, dando sentido social aos lances vividos sob diferentes circunstâncias” (MEIHY E HOLANDA, 2010, p. 26 e 27); a Missa do Vaqueiro de Manari é parte componente destes movimentos de minorias, além disso, tudo o que se sabe sobre esse evento, é fruto do processo de transmissão oral, que agora começa a ser escrito, com a intenção de que não se percam com o tempo, ou acabem caindo no esquecimento. A memória tanto coletiva, quanto individual, nos permite fazer esse desvelo.

³⁰ Pe. Giorgio Botta é italiano, reside no Brasil desde a década de 1990, e é pároco do município de Manari desde 2004. E, a partir de então, tem tido uma ligação direta com a celebração da Missa do Vaqueiro. Entrevista realizada em 20 de junho de 2018.

Celebrada sem interrupções desde sua fundação, mesmo encarando dificuldades, principalmente financeiras, tem ganhado status de evento religioso com grande aceitação pública, visto que o número de vaqueiros e admiradores só tem crescido durante o decurso dos anos, além da aceitação dos próprios munícipes, que, por ter uma forte ligação com o campo, acabaram se identificando e adquirindo um sentimento de pertença, em que é praticamente impossível dissociar a Missa do Vaqueiro do novenário de São Sebastião³¹. Nas narrativas do pároco, a seguir, podemos ter uma noção da importância tomada pela solenidade religiosa:

“O resgate da cultura local, sempre é bom. Valorizar Manari como área de criação e dos agricultores. É uma categoria que tem que ser valorizada, reconhecida e apreciada de forma ostensiva (...) que também eles têm toda uma parte de companheirismo, de vida de comunhão, de amizade, de parceria; também os vaqueiros são testemunhos vivos daquilo que é a experiência do sertão e de sobrevivência no sertão”.

Corroborar-se a esse interim, o fato de que com a consolidação da Missa do Vaqueiro no município, as chamadas festas de gado – pega de boi no mato, corrida de mourão e argola – acabaram adquirindo maior destaque, aceitação e, sobretudo, visibilidade. Popularizaram-se. Também, é comum ouvir por estas paragens, que o homem do campo não se torna vaqueiro, ele já nasce vaqueiro. Pois, desde a mais tenra idade, o contato com esta realidade permite essa identificação. Assim sendo, com este forte apego notório, a Missa veio para tornar protagonista de sua própria história, o homem do campo, que faz de sua profissão como vaqueiro, criador ou agricultor, uma missão de vida.

Em janeiro de 2018 a realização continuada da Missa do Vaqueiro em Manari completou trinta e dois anos. Durante um pouco mais de três décadas o evento tem ganhado visibilidade, espaço e principalmente adeptos, sobretudo entre a população mais jovem do município, seja do espaço urbano ou do rural. Tal festividade religiosa vem se firmando como um elemento caracteristicamente sertanejo, de profunda identificação com as coisas do sertão e com a vida cotidiana da gente sertaneja. Como

³¹ O novenário de São Sebastião é celebrado anualmente na Igreja Matriz do município de Manari, desde a segunda metade do século XIX, entre os dias 10/01 – com a procissão de hasteamento da bandeira, seguida por uma missa; e 20/01 – com a missa de encerramento. Del Priore (2017, p. 351) assinala que essas “festas de santos [...] reforçavam as relações familiares e comunitárias”. Essas festas de santo como se referiu a autora, hoje, constituem um verdadeiro patrimônio cultural para o país.

nos diz Certeau (1998 p. 31) o cotidiano, “é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”.

Nesse contexto, a busca por suas raízes históricas e culturais, através da oralidade e dos registros de memória de alguns sujeitos, poderá contribuir para a construção da história não escrita³² do ato religioso em tela, além de propiciar a ampliação do conhecimento sobre o universo constitutivo do vaqueiro que tanto permeia e faz parte da história do município, bem como para a preservação da história local que “requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado” (SAMUEL, 1990 p. 220). Aproveitando-se deste conceito, conciliando história local com história oral, pode-se dizer que esta última, nas palavras de Thompson,

[...] pode dar grande contribuição para o resgate da memória (...), mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (1992, p. 17).

Ao fazer uso da oralidade para se pesquisar a história do “lugar” e tê-la como objeto de estudo, faz com que esta ganhe novos contornos, sejam eles temporais e/ou espaciais, tendo como intenção angariar um sentimento de valorização dos movimentos culturais e constitutivos do povo sertanejo, presentes também na população manariense, contribuindo assim para uma relação de pertencimento e de identificação com o fruto da manifestação cultural criada por gerações passadas, preservando assim seus registros de memória, haja vista que, conforme diz Bosi (1994, p. 39):

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como

³² A Missa do Vaqueiro, especificamente a que é realizada no município de Manari, é um evento ainda pouco estudado, carente de fontes e recursos bibliográficos. Na cidade, por exemplo, não existe museu ou arquivo público que possa reunir documentos, fotografias ou outro material de qualquer natureza, que sirva como instrumento de pesquisa para historiadores ou para o próprio conhecimento da comunidade local.

confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.

Assim sendo, como elemento característico da cultura nordestina, a Missa do Vaqueiro em Manari é a história e cultura viva e experienciada por sua gente. Considerando que essa concepção de cultura é um termo amplo, torna-se difícil defini-lo com precisão. Mas, partindo desse pressuposto de amplitude, e dialogando com a ideia de cultura apresentada Eagleton (2003, p. 52) afirma que “de uma forma aproximada, a cultura pode ser resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem a forma de vida de um grupo específico”, é assertivo afirmar que a cultura do vaqueiro que se difundiu pelo sertão é carregada de signos que se confundem com a própria realidade.

O evento católico está intimamente ligado à história recente da cidade de Manari e à memória afetiva dos seus habitantes, principalmente dos sujeitos que foram selecionados para as entrevistas que se realizaram, onde “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990 p. 30). Por isso, seguindo o embasamento proposto na obra do autor citado, o grupo de personalidades que expuseram em narrativa suas mais tenras memórias, estão interligados, mesmo que indiretamente. O grupo expôs, individualmente, variados momentos que vivenciaram durante a participação no ato religioso ao longo dos anos e sob diferentes aspectos, de tal forma que terminaram por contribuir para a conservação e execução da festividade religiosa. É importante salientar que esse movimento traz consigo traços culturais seculares, adaptados à realidade do sertanejo, adquiridos com o convívio de seus antepassados e que hoje se faz muito pertinente ao presente cotidiano local. Apresenta-se interligada com a história, com a memória, com a religiosidade, com a fé, com a cultura e com a cidade em si. Um patrimônio cultural de cunho imaterial do povo manariense.

Porém, antes de se tornar um evento de escala ascendente, a história da origem dessa festividade religiosa é bem modesta, como nos relatou em entrevista a Família Monteiro Lima³³, descendente direta do popular Zé Pesqueira³⁴. As fontes orais, como

³³ Entrevista concedida em 27 de junho de 2018.

neste caso, “dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida” (PORTELLI, 1997 p. 27). Sintetizando os relatos apresentados, foi durante um período de longa estiagem entre os anos de 1979 e 1985 que a promessa a São Sebastião³⁵ foi feita: “a promessa ele fez *pra* que os bichos parassem de morrer, né. Que a doença nos bichos aplacasse, né. Como de fato parou. E o cenário de Manari era de seca”. Para quem bem conhece a região ou é morador, sabe o quão é desolador o cenário em que se transforma o sertão nordestino nestes períodos. Apesar da situação calamitosa que se viveu naquele ciclo adurente de seca, e como “a religião do sertanejo privilegiava antes a dor que a alegria” segundo aponta Souza (2013, p. 42), o sertanejo religioso, espera, imbuído de fé e também de esperança, o fim desta época e o estancamento dos vários problemas ocasionados pelo fenômeno climático, que acaba por acarretar a produção agrícola e impossibilitar a manutenção da pecuária e o criatório de outros animais; além de prejudicar a economia local e afetar a vida de toda uma população.

Acordante, é que “as secas têm tido, historicamente, grande influência em todos os aspectos da vida do Nordeste” (MAGALHÃES, 2016, p. 22). Além disso, o flagelo daquele período, igualmente ceifou muitas vidas humanas. Foram esses elementos reunidos, que fizeram com que o vaqueiro, criador e agricultor, o sertanejo Zé Pesqueira – uma figura de poucas letras, homem do campo e de forte apego com o religioso e o sagrado, responsável por estabelecer e deixar bem alicerçado tal evento na antiga e pacata Mariana –, durante demonstração de sua religiosidade e fé, orasse pela intercessão de São Sebastião. A história da promessa é bem conhecida pelos munícipes, assim como o contexto social da época. A identificação com este orago católico, segundo aponta Correia (2016, p. 57) “está em suas graças concedidas aos pedidos e promessas feitas pelos fieis e devotos” durante a trajetória histórica do município.

Desde então, com o fim da seca e o estancamento dos vários problemas que estavam acarretando a produção agrícola e impossibilitando a manutenção da pecuária,

³⁴ José Pedro Maria, é o nome do conhecido popularmente por Zé Pesqueira. Homem do campo, com pouca instrução escolar, vaqueiro por profissão. Como o próprio pseudônimo sugere, é natural do município de Pesqueira, agreste do estado de Pernambuco.

³⁵ São Sebastião torna-se efetivamente padroeiro do município de Manari – PE, quando da elevação deste a condição de Paróquia, desmembrado da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Inajá – PE, no dia 10 de janeiro de 2012, conforme decreto diocesano da mesma data. Porém, antes da criação da paróquia, Nossa Senhora da Conceição dividiu por longos anos o ‘posto’ de padroeira com São Sebastião.

o pagamento da promessa feita pelo vaqueiro começou a ser dado em janeiro de 1986. Com efeito, além da celebração da missa para os vaqueiros, fora criado dentro do novenário³⁶ do padroeiro uma noite para os criadores, agricultores e vaqueiros.

A Missa do Vaqueiro de Manari, gestada a partir da promessa³⁷ feita, foi fundada tendo como espelho de influência a Missa do Vaqueiro de Serrita, após esta ter ganhado espaço e notoriedade em todo o território nacional e por ter entre seus fundadores, a ilustre figura do Rei do Baião, Luiz Gonzaga. É importante frisar que neste cenário a celebração religiosa “traz uma ressignificação especial para o processo de valorização das culturas do sertão, do homem sertanejo”, conforme analisa Correia (2016, p. 73).

Para uma melhor compreensão sobre o objeto de pesquisa em tela, um recorte temporal foi estabelecido e se dá entre os anos de 1986 e 2016³⁸, verificando as mudanças e permanências ocorridas acerca da Missa do Vaqueiro como manifestação da cultura, demonstração de fé e conseqüentemente a manutenção das tradições locais, bem como sua importância histórica. No decorrer de um pouco mais de três décadas, muita coisa aconteceu para que a Missa do Vaqueiro, pudesse ser vista como o elemento cultural e religioso com maior expressão existente no município de Manari – PE. Sendo realizada continuamente desde 1986, afirmou-se como parte dos festejos do padroeiro São Sebastião, fato que a faz figurar entre as mais antigas a serem realizadas anualmente no estado de Pernambuco.

A esse interim, há fatores que merecem destaque, como por exemplo o lugar para a celebração da missa ter mudado algumas vezes. Inicialmente era realizada na

³⁶ Esta festa litúrgica acontece anualmente na Igreja Matriz, entre os dias 10/01 – com a procissão de hasteamento da bandeira, seguida por uma missa; e 20/01 – com a missa de encerramento. Sendo desconhecida a data de origem da festividade na cidade.

³⁷ O milagre, como o acontecido a partir do pedido de intercessão feito pelo católico, orante, pode ser definido, segundo Souza (2013, p. 107) como “um momento necessariamente único e irrepitível de interação entre o céu e a terra, entre o divino e o natural, no qual uma intervenção sobrenatural altera e transgride as leis da natureza, fazendo que o não poderia ocorrer, de acordo com estas leis, ocorra. E se o milagre não pode (ser) repetido devido ao seu caráter extraordinário, ele pode ser ritualizado, e seus efeitos permanecem inalterados, sendo, eles próprios, dotados de uma força transcendente e milagrosa”. E como fruto do milagre ou da graça alcançada, adotou-se como elemento de ritualização deste, a Missa do Vaqueiro, imbuída de signos e simbolismos, que acabou por interligar ao seio do catolicismo local, a questão que o autor citado pontua como de profunda ressonância ao meio rural, que seria uma estratégia de ressignificação da religiosidade da própria comunidade católica.

³⁸ O recorte temporal estabelecido tem uma elevada significância para o evento. São 30 anos mantendo tanto a Missa quanto a noite dos criadores e vaqueiros.

calçada da Igreja Matriz, mas com o crescimento e adesão de mais vaqueiros, passou a ser alocada no palco onde acontecia a festa profana à noite; durante a primeira década dos anos 2000, o espaço da festa mudou, fazendo com que a realização da missa também acompanhasse a mudança até 2016. E por fim, tem sido realizada no Parque de Vaquejada Maria Chaveiro, que também serve como ponto de chegada e encontro dos vaqueiros.

Com a última mudança houve uma demonstração clara de ruptura nas relações entre a Igreja Católica local, a administração pública do município e a Comissão Organizadora³⁹, visto que muitas das queixas da instituição religiosa nunca foram atendidas, entre as quais figura a não venda de bebida alcoólica durante a celebração litúrgica da missa. Havia um claro desconforto da comunidade religiosa com essa realidade – ignorada pela comissão, pelos transeuntes, turistas e pelos proprietários de barracas – já que sagrado e profano ‘disputam um mesmo espaço’ de sociabilidade.

O cerimonial litúrgico adota traços característicos que são comuns ao cotidiano do vaqueiro. A linguagem utilizada é a mais acessível possível, os cantos são entoados por aboiadores e o momento do ofertório é o mais original, de modo que alguns vaqueiros são convidados para fazerem uma oferta simbólica de seu instrumento de trabalho, com versos e aboios improvisados sobre cada peça de sua indumentária de couro⁴⁰ e outros apetrechos que utilizam na labuta e no trato com o gado. Após a benção final é costume a distribuição de queijo e rapadura⁴¹ aos vaqueiros, turistas e admiradores, como um momento de partilha fraterna.

Após o rito, os vaqueiros saem do parque de vaquejada e seguem em procissão pelas principais ruas da cidade com a imagem de São Sebastião à frente até adentrarem a praça de eventos, para que no palco da festa profana tenha início a entrega de troféus e homenagens pela Comissão Organizadora. Anualmente um tema é proposto e uma

³⁹ Esta comissão organizadora foi instituída com a finalidade de manter e angariar recursos para a realização da Missa e da noite dos criadores e vaqueiros. Já foi composta por grandes amigos de Zé Pesqueira, filhos, nora, netos.

⁴⁰ Sobre a vestimenta utilizada pelo vaqueiro, Cunha (2003, p. 213) diz que “as vestes são uma armadura”. O autor faz alusão à armadura que era utilizada pelos cavaleiros da Europa medieval. Porém, “de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta”. O vaqueiro, além de ser um cavaleiro sem fidalguia ou brasão, tinha que se utilizar desta indumentária feita de couro para poder adentrar a caatinga espinhosa e desconhecida, caso contrário, estaria colocando em risco sua própria vida.

⁴¹ Estes dois alimentos, historicamente fazem parte da alimentação do vaqueiro, quando este sai para a mata em busca de arrebanhar o gado solto.

toada é composta em cima da temática apresentada, geralmente sendo entoada durante o cortejo dos vaqueiros. Para encerrar a parte religiosa do dia dedicado aos vaqueiros e criadores, a partir das 19h na Igreja Matriz é rezada a novena, seguida em alguns casos, por um leilão. Para encerrar o dia de homenagens, no palco da festa profana, uma atração musical que tenha relação com o universo do vaqueiro faz sua apresentação. Nomes de peso como Mano Walter, já se apresentaram por diversas vezes, no dia 18 de janeiro.

Com base nas informações apresentadas, percebe-se que uma figura igualmente histórica e emblemática, como a do vaqueiro, tão importante na construção do sertão e do povo sertanejo que aqui se moldou, tenha seu valor histórico, cultural, social e material pesquisado, analisado, estudado. Visto que o imaginário popular do Brasil colocou o sertão e sua gente como um mundo à parte do restante do país. Memória que ainda postula a região e deixa a margem do saber, as riquezas materiais, biológicas e culturais que só aqui existem e persistem em existir.

Como elemento recente na história da cidade de Manari, a Missa do Vaqueiro é um fato ainda pouco estudado. Nesse sentido, este artigo possibilitará o aprofundamento do conhecimento acerca do referido evento, o qual é carente de fontes escritas e registros bibliográficos. Dessa feita, a história oral permite uma ampliação da percepção histórica da história do lugar, valorizando-a, tornando-a mais rica. A valorização da cultura e da história local perpassa pelo reconhecimento do cidadão e da percepção de seu papel enquanto agente modificador e transformador desse ambiente real, social e local, possibilitando a interação com as manifestações culturais do município, para que assim se reconheçam como partícipes de sua própria história. Assim sendo, o sertão, assim como os elementos culturais de seu povo, também precisam ser vistos como partes integrantes da formação histórica da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial (1500-1800)**. 7ª ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. 3ª Ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. IBGE. **População estimada**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente. 2018. Disponível em: <www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade> Acesso em: 20/09/2018.
- BRASIL. IBGE. **Situação domiciliar**. Taxa percentual. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/manari/pesquisa/23/25207?tipo=ranking&indicador=29519>> Acesso em: 20/09/2018.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Documentário da vida rural n. 9. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1956.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará**. Rio de Janeiro; Ediouro, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª ed. São Paulo: Global, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 3ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CORREIA, Carlos André. **Manari: história, tradição e cultura**. 1ª edição. Recife – PE. Tarcísio Pereira Editor, 2016.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões (Campanha de Canudos)**. Série Ouro. Ed. Martin Claret, 2006.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias da Gente Brasileira**. Vol. 3: República – Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo, UNESP, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 7ª ed. rev. – São Paulo; Global, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- MAGALHÃES, Antonio Rocha. **Vida e seca no Brasil**. In.: **Secas no Brasil: política e gestão proativas**. NYS, Erwin De; ENGLE, Nathan L.; MAGALHÃES, Antonio Rocha. (Orgs). Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos; Banco Mundial, 2016.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Cultura política e lugares de memória**. In: Cultura, política, memória e historiografia. Orgs. Cecília Azevedo... [et al.]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Proj. História, PUC-SP, 1993.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo, Boitempo, 2010.
- PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Graduados em História e do Departamento de História, PUC – SP, São Paulo, n. 14, fev. 1997.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. Vol. 9, n.º 19, set. 1989/fev. 1990.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Trad. Lúcio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.